

FRIEDRICH NIETZSCHE

CREPÚSCULO DOS ÍDOLOS

ou

Como se filosofa com o martelo

Tradução, notas e posfácio
Paulo César de Souza



Copyright da tradução, notas e posfácio
© 2006 by Paulo César Lima de Souza

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

Título original

Götzen-Dämmerung oder Wie man mit dem Hammer philosophiert [1888]

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Márcia Copola

Índice remissivo

Daniel A. de André

Revisão

Renato Potenza Rodrigues

Giovanna Serra

Atualização ortográfica

Verba Editorial

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900.

Crepúsculo dos ídolos, ou Como se filosofa com o martelo /
Friedrich Wilhelm Nietzsche ; tradução, notas e posfácio Paulo
César de Souza. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia de Bolso, 2017.

Título original: Götzen-Dämmerung oder Wie man mit dem
Hammer philosophiert [1888].

ISBN 978-85-359-2858-7

1. Filosofia 2. Nietzsche, Friedrich Wilhelm, 1844-1900.
1. Souza, Paulo César de. II. Título. III. Como se filosofa com o
martelo

17-00855

CDD-100

Índice para catálogo sistemático:

1. Nietzsche : Filosofia 100

2017

Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

SUMÁRIO

Prólogo 7

I. Máximas e flechas 9

II. O problema de Sócrates 14

III. A “razão” na filosofia 20

IV. Como o “mundo verdadeiro” finalmente
se tornou fábula 25

V. Moral como antinatureza 27

VI. Os quatro grandes erros 32

VII. Os “melhoradores” da humanidade 40

VIII. O que falta aos alemães 44

IX. Incursões de um extemporâneo 50

X. O que devo aos antigos 85

Fala o martelo 91

Notas 93

Apêndice: Cartas sobre *Crepúsculo dos ídolos* 113

Posfácio 119

Índice remissivo 123

Sobre o autor e o tradutor 135

PRÓLOGO

Manter a jovialidade em meio a um trabalho sombrio e sobremaneira responsável não é façanha pequena: e, no entanto, o que seria mais necessário do que jovialidade? Nenhuma coisa tem êxito, se nela não está presente a petulância. Apenas o excesso de força é prova de força. — Uma *tresvaloração de todos os valores*,¹ esse ponto de interrogação tão negro, tão imenso, que arroja sombras sobre quem o coloca — uma tarefa assim, um tal destino, compele a sair ao sol a todo instante e sacudir de si uma seriedade pesada, que se tornou pesada em demasia. Todo meio é bom para isso, todo “caso” um acaso feliz.² Sobretudo a *guerra*. A guerra sempre foi a grande inteligência de todos os espíritos que se voltaram muito para dentro, que se tornaram profundos demais; até no ferimento se acha o poder curativo. Há algum tempo, minha divisa é uma máxima cuja procedência eu subtraio à curiosidade erudita:

*increscunt animi, virescit vulnere virtus.*³

[crescem os espíritos, o valor viceja com a ferida]

Uma outra convalescença, em algumas circunstâncias ainda mais desejada por mim, está em *auscultar ídolos*... Há mais ídolos do que realidades no mundo: este é *meu* “mau olhar” para este mundo, é também meu “mau ouvido”... Fazer perguntas com o *martelo* e talvez ouvir, como resposta, aquele célebre som oco que vem de vísceras infladas — que deleite para alguém que tem outros ouvidos por trás dos ouvidos — para mim, velho psicólogo e aliciador,⁴ ante o qual o que queria guardar silêncio *tem de manifestar-se...*⁵

Também este livro — seu título já o revela⁶ — é sobretudo um descanso, um torrão banhado de sol, uma escapada para o ócio de um psicólogo. Talvez também uma nova guerra? E serão perscrutados novos ídolos?... Este pequeno livro é uma grande *declaração de guerra*; e, quanto ao escrutínio de ídolos, desta vez eles não são ídolos da época, mas ídolos *eternos*, aqui tocados com o martelo como se este fosse um diapasão — não há, absolutamente, ídolos mais velhos, mais convencidos, mais empolados... E tampouco mais ocos... Isso não impede que sejam os *mais acreditados*; e, principalmente no caso mais nobre, tampouco são chamados de ídolos...

*Turim, em 30 de setembro de 1888,
dia em que foi terminado o primeiro livro
da *Tresvaloração de todos os valores*⁷*

Friedrich Nietzsche

I. MÁXIMAS E FLECHAS

1. A ociosidade é a mãe de toda psicologia.⁸ Como? A psicologia seria — um vício?

2. Mesmo o mais corajoso de nós raras vezes tem a coragem para o que realmente *sabe*...

3. Para viver só, é preciso ser um bicho ou um homem — diz Aristóteles.⁹ Falta o terceiro caso: é preciso ser as duas coisas — *filósofo*...

4. “Toda verdade é simples.” — Não é isso uma dupla mentira? —¹⁰

5. De uma vez por todas, muitas coisas eu *não* quero saber. — A sabedoria traça limites também para o conhecimento.

6. É em sua natureza selvagem que o indivíduo se refaz melhor de sua desnatureza, de sua espiritualidade...

7. Como? O ser humano é apenas um equívoco de Deus? Ou Deus apenas um equívoco do ser humano? —

8. *Da escola de guerra da vida.* — O que não me mata me fortalece.

9. Ajude a si mesmo: então, todo mundo lhe ajudará. Princípio do amor ao próximo.

10. Não cometamos covardia em relação a nossos atos! Não os abandonemos depois de fazê-los! — É indecente o remorso.

11. Pode um asno ser trágico? — Sucumbir sob um fardo que não se pode levar nem deitar fora?... O caso do filósofo.

12. Tendo seu *por quê*? da vida, o indivíduo tolera quase todo *como*? — O ser humano *não* aspira à felicidade; somente o inglês faz isso.¹¹

13. O homem criou a mulher — mas de *quê*? De uma costela de seu Deus — de seu “ideal”...

14. Como? Você procura? Gostaria de decuplicar-se, centuplicar-se? Procura seguidores? — Procure *zeros*! —¹²

15. Homens póstumos — eu, por exemplo — são menos compreendidos do que os temporâneos,¹³ mas mais *ouvidos*. Mais precisamente: não somos jamais compreendidos — *daí* nossa autoridade...

16. *Entre mulheres*. — “A verdade? Oh, o senhor não conhece a verdade! Ela não é um atentado a todos os nossos *pudeurs* [pudores]?”

17. Eis um artista tal como eu gosto de artistas, modesto em suas necessidades: ele quer apenas duas coisas, seu pão e sua arte — *panem et Circen...*¹⁴

18. Quem não sabe pôr sua vontade nas coisas lhes põe ao menos um *sentido*: isto é, acredita que nelas já se encontra uma vontade (princípio da “fé”).

19. Como? Vocês escolhem a virtude e o peito estufado, e ao mesmo tempo olham furtivamente para as vantagens dos irrefletidos? — Mas com a virtude *renuncia-se* às “vantagens” (para a porta da casa de um antisemita).

20. A mulher completa incorre em literatura como incorre num pecadilho: como experiência, de passagem, olhando em volta para ver se alguém a está notando, *que* alguém a está notando...

21. Colocar-se apenas em situações em que não se pode ter virtudes aparentes, em que, como o funâmbulo sobre uma corda, ou se cai ou se fica em pé — ou se escapa...

22. “Homens maus não têm canções.”¹⁵ — Como é que os russos têm canções?

23. “Espírito alemão”: há dezoito anos¹⁶ uma *contradictio in adjecto* [contradição nos termos].

24. Buscando pelas origens, o indivíduo torna-se caranguejo. O historiador olha para trás; por fim, ele também *acredita* para trás.

25. A satisfação consigo protege até mesmo do resfriado. Alguma vez uma mulher que se sabia bem-vestida se resfriou? — Estou supondo que estivesse pouco vestida.

26. Desconfio de todos os sistematizadores e os evito. A vontade de sistema é uma falta de retidão.

27. A mulher é considerada profunda — por quê? porque nela jamais se chega ao fundo. A mulher não é sequer superficial.

28. Se a mulher tem virtudes masculinas, há que fugir dela; se não tem virtudes masculinas, ela mesma foge.

29. “Quanto tinha de remorder a consciência antigamente! Que bons dentes tinha!¹⁷ — E hoje? O que lhe falta?” — Pergunta de um dentista.

30. Raramente se comete uma precipitação apenas. Com a primeira sempre se faz demais. Justamente por isso se comete uma segunda, em geral — e então se faz de menos...

31. O verme se encolhe ao ser pisado. Com isso mostra inteligência. Diminui a probabilidade de ser novamente pisado. Na linguagem da moral: *humildade*. —

32. Há um ódio à mentira e à dissimulação que vem de uma sensível noção de honra; há um ódio igual que vem da covardia, sendo a mentira *proibida* por um mandamento divino. Covarde demais para mentir...

33. Quão pouco é necessário para a felicidade! O som de uma gaita de foles. — Sem a música a vida seria um erro. O alemão imagina até Deus cantando canções.¹⁸

34. *On ne peut penser et écrire qu'assis* [Não se pode pensar e escrever senão sentado] (G. Flaubert). — Com isso te pego, niilista! A vida sedentária¹⁹ é justamente o *pecado* contra o santo espírito. Apenas os pensamentos *andados* têm valor.

35. Há casos em que nós, psicólogos, somos como cavalos, e ficamos inquietos: vemos nossa própria sombra oscilar para cima e para baixo à nossa frente. O psicólogo tem de afastar a vista de *si* para enxergar.

36. Nós, imoralistas,²⁰ *prejudicamos* a virtude? — Tão pouco quanto os anarquistas aos príncipes. Apenas depois de serem alvejados eles sentam firmemente no trono. Moral: *temos que atirar na moral*.

37. Você corre à frente? — Faz isso como pastor? Ou como exceção? Um terceiro caso seria desertor... *Primeira* questão de consciência.

38. Você é genuíno? ou apenas um ator? Um representante? ou o que é representado? — Enfim, não passa da imitação de um ator... *Segunda* questão de consciência.

39. *Fala o desiludido.* — Eu buscava grandes homens, e sempre achei apenas os *macacos* de seu ideal.

40. Você é alguém que olha? Ou que põe mãos à obra? — ou que desvia o olhar, põe-se de lado?... *Terceira* questão de consciência.

41. Você quer ir junto? Ou ir à frente? Ou ir por si?... É preciso saber *o que* se quer e *que* se quer. *Quarta* questão de consciência.

42. Esses foram degraus para mim, eu subi por eles — para isso tive de passar por eles. Mas eles pensavam que eu queria repousar em cima deles...

43. Que importa que eu venha a ter razão? Eu tenho razão demais. — E quem hoje ri melhor também ri por último.

44. A fórmula de minha felicidade: um sim, um não, uma linha reta, uma *meta*...